

Reflexões sobre o mundo energético

ZANCAN, Fernando Luiz. *“Reflexões sobre o mundo energético”*. Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2019.

Desde 2007, quando inicia a revolução digital (lançamento do Iphone, banda larga, etc) o carvão foi o responsável por 31% do acréscimo no suprimento de energia mundial e o crescimento não mudou nos últimos anos. Houve uma redução no crescimento, mas não parou de crescer.

Temos visto o declínio do seu uso na Europa que tem investido elevados recursos, via subsidio, no desenvolvimento das fontes renováveis. Houve o incremento do uso do gás natural que teve seu preço reduzido pela revolução do shale gas nos Estados Unidos. Entretanto, a demanda pelo carvão nos países em desenvolvimento suporta a perda de mercado na Europa. Desde 2006 a demanda de carvão térmico cresceu 2,6% ao ano. Olhando para depois de 2035, as previsões apontam para o Sul e Sudoeste da Ásia que deverão ser as principais regiões de crescimento da demanda de carvão no mundo. O que levará a um pequeno crescimento na demanda de carvão comparando 2017 com 2035.

Analisando a China e Índia e outros países emergentes podemos afirmar que a demanda de carvão na China deverá permanecer alta na medida que a demanda de energia elétrica deverá superar o crescimento do PIB, como aconteceu no último ano. Hoje na China existe cerca de 120 GW de usinas a carvão sendo construídos. A China representa cerca de 50% da demanda global de carvão que é atendida pelo aumento de produção doméstica e pela importação. Na Índia estão em construção 35 GW de usinas a carvão, que visa atender ao programa de universalização de acesso à energia aos 160 milhões de pessoas que ainda não tem energia elétrica.

Por outro lado, existe uma crescente demanda de carvão metalúrgico visto a um grande número de projetos de usinas siderúrgicas em desenvolvimento. Países como o Egito, Emirados Árabes Unidos e outros da África procuram no carvão a fonte energética para atender as suas demandas de energia para sustentar seu crescimento e desenvolvimento. Por outro lado, países com grandes reservas de carvão como a Rússia, estão investindo na produção de carvão para atender demanda mundial. Pretende aumentar sua produção de carvão térmico de 150 milhões para 300 milhões em 2035, ultrapassando a Austrália como maior exportador.

Portanto, países em desenvolvimento com grandes populações, onde ocorre um processo de urbanização, deverão usar suas fontes de energia doméstica inclusive desenvolvendo novas usinas a carvão na próxima década. Ao vermos esse cenário internacional podemos reafirmar que como em 2018, quando a energia cresceu 2,3%, o que move o mundo energético é a economia. Por outro lado, vimos que as energias renováveis não conseguem acompanhar o crescimento da demanda e as energias fósseis (carvão, gás e petróleo) permanecem sendo as fontes principais de suporte ao crescimento mundial e da redução das desigualdades contribuindo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável patrocinados pela ONU.

Mas, ao mesmo tempo que os fósseis crescem, as emissões de CO2 também

crecem. Vemos que o investimento em pesquisa e desenvolvimento para a Captura e Armazenamento de CO₂ – CCS, que é a tecnologia mais importante para a mitigação de gases de efeito estufa, ainda é tímido. Na realidade, analisando o mundo energético e ambiental, vimos que existe uma disputa de mercado, não uma busca real da redução de emissões. O pragmatismo e a visão holística do mundo da energia, não deveria ter o discurso “ nós contra eles”, mas sim a busca de mais eficiência, redução de emissões e impactos ambientais de todas as fontes de energia. Não devemos cair no conto de países ricos focados em seus próprios interesses, que usam o “politicamente correto” para induzir políticas públicas que aumentam o custo para a sociedade brasileira, diminuindo nossa competitividade no cenário global. Somos exemplo para qualquer matriz energética mundial no quesito energias de baixo carbono e o uso de fontes fósseis (carvão, petróleo e gás) são importantes para dar segurança energética e gerar emprego e renda.

No Brasil, por um lado somos afortunados por dispormos de todas as fontes de energia e condições para atender a demanda de energia, por outro, temos uma baixa demanda de energia por não crescermos e com isso não atendemos a redução das desigualdades. Precisamos, ter uma visão do desenvolvimento de nossa matriz de energia, olhando os condicionantes de menor impacto ambiental, maior movimentação econômica – impacto sócio econômico regional, menor custo da energia, disponibilidade de energia, previsibilidade de preços e garantia de suprimento no longo prazo. Esperamos que as discussões de políticas públicas na área de energia contemplem esse cenário. Recursos energéticos temos, inteligência também, precisamos olhar para o bem do Brasil.

Fernando Luiz Zancan é Presidente da ABCM